

ESPAÇOS FORMATIVOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA: AS NARRATIVAS DE SUJEITOS/AS DO GEPEFERS EM DIÁLOGO COM BELL HOOKS

Profa. Ma. Darlene Fabri Ferreira Rocha

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

dffrocha@hotmail.com

Prof. Me. Paulo Tiago Oliveira Alves

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

paulo.tiago@ifce.edu.br

Prof. Esp. Pedro Gabriel Viana do Amaral

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

pedrogabrielviana@gmail.com

Profa. Dra. Luciana Venâncio

Universidade Federal do Ceará – UFC

luciana_venancio@yahoo.com.br

Prof. Dr. Luiz Sanches Neto

Universidade Federal do Ceará – UFC

luizitosanches@yahoo.com

As experiências de professores/as-pesquisadores/as, quando compartilhadas e discutidas, podem tornar-se objetos de reflexão e formação para práticas pedagógicas. O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Relações com os Saberes – GEPEFERS –, coordenado pela Profa. Dra. Luciana Venâncio desde 2017, consiste em um espaço de trocas de vivências no âmbito da Educação Física a partir das leituras de mundo dos/as diferentes sujeitos/as que o integram para uma educação transgressora. Compreender as relações com os saberes perpassa refletir que nós, como sujeitos/as sociais, aprendemos sendo influenciados/as ou afetados/as pelas relações com o mundo, com as pessoas que nos cercam e conosco mesmos/as (Charlot, 2000). Nos encontros do GEPEFERS em 2023, além de pensarmos as

relações com os saberes na Educação Física, nós nos desafiamos a criar aproximações com os estudos de bell hooks (2017).

O GEPEFERS revela-se como uma comunidade de saberes, cuja visão coletiva baseada nas experiências dos/as membros/as amplia a busca de uma educação como prática da liberdade, que transgredir os meios dominantes de ser, estar e aprender nos espaços educacionais. Nosso objetivo neste trabalho é compartilhar as narrativas de diferentes sujeitos/as participantes do GEPEFERS, suscitadas pela leitura do livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (hooks, 2017). Para isso, selecionamos o capítulo *A teoria como prática libertadora* (hooks, 2017, pp. 83-104). Dialogamos com a perspectiva qualitativa da pesquisa narrativa e (auto)biográfica, que possibilita que o/a sujeito/a, a partir da capacidade de reflexividade, elabore estratégias de emancipação e empoderamento acerca dos códigos que os/as oprimem (Passeggi; Souza, 2010).

Nos inspiramos na *Escrevivência* de Conceição Evaristo (2015), que compreende que escrever é um modo de ferir o silêncio imposto, em que se *toma* o lugar da escrita como direito. Segundo Barossi (2017), existe uma confluência inspiradora em Evaristo, cânone da literatura brasileira, pois a ideia de *escrevivência* é uma narrativa originária e comprometida com as vidas das pessoas negras, suas ancestralidades e condições diaspóricas. Assim, é a própria história comunitária que está contida na contação de uma trajetória pessoal (Chalhoub, 2012). Assim, a partir de nossas narrativas (auto)biográficas como professores/as-pesquisadores/as, bem como nossas práxis, percepções, reflexões, observações e pensamentos que envolvem as relações com os saberes na Educação Física, estabelecemos conexões com a obra de bell hooks (2017). Consideramos que o ato de escrevermos sobre nossas experiências situadas no trabalho docente que realizamos na escola, assim como o ato de nos reconhecermos enquanto professores/as-pesquisadores/as que investigam as próprias práticas, são atos de resistência no sentido do rompimento do *status quo* acadêmico.

Como exemplo, compartilhamos resumidamente as narrativas (auto)biográficas de três participantes do GEPEFERS. A primeira narrativa é de um professor-pesquisador, que trabalha em um Instituto Federal e aponta a notória expressão de surpresa de colegas de diversas áreas e da gestão do Instituto quando ele foi convidado a palestrar em um evento – *XII Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra*, em 2022 – e quando uma experiência pedagógica desenvolvida com os/as discentes do ensino médio integrado em redes de computadores tornou-se um capítulo de livro em 2023. Como hooks (2017) explana, os corpos negros não são vistos

naturalmente como produtores de teorias e de ciência. Historicamente, as iniciativas da supremacia branca têm dedicado esforços para impor padrões de avaliação e definir o que aceito como teoria, desconsiderando trabalhos acadêmicos construídos intelectualmente por mulheres negras e homens negros (Venâncio; Nobrega, 2020).

De acordo com hooks (2017), em determinados momentos, o silêncio é um ato de cumplicidade que ajuda a perpetuar a ideia que podemos nos engajar na libertação negra revolucionária sem teoria. Entretanto, no sentido da práxis, a prática não pode ser desvinculada da teoria; como a teoria não pode ficar descolada da prática cotidiana. Ao narrar suas vivências e intervenções com a Educação Física, o professor-pesquisador menciona a fala do chefe de departamento durante um encontro pedagógico, associando o sistema de cotas raciais e sociais à queda no *nível* dos/as discentes que acessam o ensino médio no Instituto Federal. Naquela ocasião, diante do silenciamento dos/as ouvintes, o professor-pesquisador usa sua palavra para se opor a tal discurso e destaca a importância social dos Institutos Federais, lembrando da legislação que originou tais instituições. Uma ação e posição de acordo com suas práticas e com as pesquisas que desenvolve.

A segunda narrativa, de uma professora-pesquisadora que trabalha na rede pública, relaciona os estudos de bell hooks com sua prática docente na educação infantil. A professora-pesquisadora aborda as teorias como algo a ser comunicado nas conversas cotidianas para gerar sentido nas relações com o aprender. Conforme hooks (2017), a teoria pode ser libertadora e revolucionária quando lhe é dada essa intencionalidade. A experiência compartilhada nos estudos envolve a importância de uma mulher africana no cenário mundial e especialmente em seu país de origem – Quênia – com as demandas ambientais. A professora-pesquisadora problematiza a história de Wangari Maathai – uma ativista política queniana – nas brincadeiras com as crianças. Após conhecer a história dessa ativista por vídeo, a teoria se aproxima da realidade das crianças com diálogos sobre a natureza ao seu redor e o cultivo coletivo do feijão no algodão. Vivenciar a teorização por meio da ludicidade ao brincar oportuniza sentido ao aprender, gerando processos mentais em relação ao conhecimento compartilhado envolvendo o corpo sujeito (Charlot, 2009). Além disso, ressalta a representatividade no contexto social.

Na terceira narrativa, de outro professor-pesquisador, as palavras de bell hooks chamam atenção para a questão da cura e dor envolvendo a teoria e a conexão com o universo das práticas pedagógicas, acadêmicas e discursivas, assim como para a dicotomia entre teoria e prática. O professor-pesquisador destaca as relações feitas com as situações da vida de hooks e como a

teorização gera questionamento sobre a lógica patriarcal na família, em ambientes sociais e laborais. Tais relações são formas de revisar os problemas, as situações e elaborar novas questões e inquietudes, tendo a teorização como um espaço de cura. As palavras são como ações, por isso é preciso questionar a dicotomia entre teoria e prática através de um teorizar que desponte do concreto, engajando reflexões críticas e práticas (hooks, 2017). Isso se mostra na escolha de formas não *eruditas* de escrita que, por vezes, gerou repercussões negativas ou invalidação dos escritos da autora, mas também fez o movimento de alcançar um número diverso de leitores/as. Na docência, saber identificar e compreender as dores é um processo complexo. Nesse sentido, as relações com os saberes que advêm das teorias podem surgir como refúgio e acolhimento, pois geram conexões com diversas ideias e aproximam pensamentos.

O desafio de refletir sobre os modos de vida, intervenções e relações com os saberes na obra de bell hooks demonstra o processo de teorizar a partir das vivências. As narrativas dos/as três professores/as-pesquisadores/as apresentam suas relações com os saberes e experiências na Educação Física, que são compartilhadas no GEPEFERS, e colaboram para ampliar reflexões críticas sobre as ações que a teoria pode mobilizar em diferentes contextos. À guisa de conclusão, retomamos Evaristo (2015) sobre a escrita como modo de ferir o silêncio, uma escrita que parte do coletivo abraçando os modos de resistência dos/as diferentes sujeitos/as.

Palavras-chave: Narrativas. Educação Física. bell hooks.

Referências

BAROSS, Luana. (Po)éticas da Escrivência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, UnB, n. 51, p. 22-40, 2017.

CHALHOUN, Sidney. **A força da escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. Ensinar a Educação Física ou ajudar o aluno a aprender seu corpo sujeito? In: SILVEIRA DANTAS JUNIOR, Hamilcar; KUHN Roselaine; DORENSKI, Sergio (org.). **Educação Física, Esporte e Sociedade**: Temas emergentes, v. 3. Aracaju: UFS, 2009, p. 231-246.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações Performativas Brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

PASSEGGI, Maria Conceição da; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboços de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, Madrid, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317673701_o_movimento_autobiografico_no_brasil_esboco_de_suas_configuracoes_no_campo_educacional. Acesso em: 16 set. 2023.

VENÂNCIO, Luciana; NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos (Orgs.). **Mulheres negras professoras de educação física**. Curitiba: CRV, 2020, v. 42.